

OS ACONTECIMENTOS PASSADOS DA AMÉRICA,
NARRADOS POR JOHANN LUDWIG
GOTTFRIED, EM 1631 (*).

EDGARD DE CERQUEIRA FALCAO

Representante oficial do Brasil no IV Congreso Inter-
nacional de História de América.

A conquista do Nôvo Mundo pelos europeus, a partir dos fins do século XV (última década), não constituiu empresa premeditada.

Em verdade, os povos ibéricos que tiveram a primazia dessa apropriação, foram levados a isso por circunstâncias meramente ocasionais.

Se, de acôrdo com o que asseguram hoje em dia estudiosos portugueses, o “achamento” do Brasil no ano de 1500 por Pedro Álvares Cabral, não se fêz *por acaso*, ao contrário do que ensinavam e ainda ensinam muitos compêndios escolares brasileiros, o mesmo não se pode dizer quanto às intenções de Cristóvão Colombo, ao descobrir no milésimo de 1492 as primeiras paragens incorporadas, na atualidade, ao continente americano: a ilha de Guanahani (San Salvador ou Watlings), a ilha Juana (Cuba) e a ilha de Hispaniola, esta hoje subdividida nas Repúblicas de Haiti e São Domingos.

A procura de rotas marítimas conducentes às longínquas plagas produtoras das apetecidas especiarias do Extremo Oriente, após o fechamento das vias terrestres através da Ásia Menor, conseqüente à tomada de Constantinopla pelos turcos em 1453, foi evidentemente o fator determinante daquele histórico acontecimento. Um êrro de cálculo de Colombo fê-lo dar com os costados na América, supondo haver atingido a Ásia pelo Ocidente.

Repartindo as áreas de influência nas terras ultramarinas então descobertas e por descobrir, entre espanhóis e portugueses, em 1493, não fêz mais o Papa Alexandre VI do que aguçar a cobiça de outros povos da velha Europa, que se sentiram assim prejudicados e trataram de reagir pelas armas.

(*) . — Resumo da conferência pronunciada em Buenos Aires no dia 10 de outubro de 1966, por ocasião do IV Congreso Internacional de História de América. (Nota da Redação).

Duas nações ocidentais, apenas, estariam em condições de competir com os ibéricos nessa conquista durante o século XVI: a França e a Grã-Bretanha. Armandando expedições predatórias, trataram os franceses de instalar-se no território americano, antes mesmo dos ingleses. Com efeito, sem falar nos traficantes de pau-brasil, de procedência gaulesa, que freqüentavam pontos ermos da costa brasileira, desde a primeira metade da centúria quinhentista, data de 1555 a tentativa inicial do estabelecimento duma França Antártica nas plagas sul-americanas, com a fixação de Nicolau Durant de Villegaignon na deserta baía de Guanabara, em obediência a plano traçado pelo Almirante Coligny, tentativa repelida ferrenhamente pelos portugueses, a compreenderem desde logo o perigo iminente de se verem despojados duma prêsã fácil.

Falhando aquêlê plano de conquista em relação à América do Sul, devido à obstinada resistência lusa, voltaram-se as vistas gaulesas para o hemisfério setentrional, passando a invadir a Flórida, durante a sétima década da éra de quinhentos, mais de um flibusteiro francês (Laudonnière, Ribault, etc.).

Em ordem de importância vieram depois os ingleses e, por fim, os holandeses, emancipados da tutela espanhola, a partir de 1581.

Dessas lutas pela posse das terras americanas, disputadas aos espanhóis e portugueses, primeiro instalados nelas, nasceu copiosa literatura de viagens maravilhosas, redigida em boa parte pelos próprios autores das façanhas praticadas, e, de outra banda, por terceiros que recolhiam os relatos dos aventureiros e lhes davam curso adiante.

No fim da penúltima década da éra quinhentista (1590), surgiu na Alemanha um editor que passou a concatenar as narrativas esparsas, lançando portentosa coleção de fascículos, redigidos em latim e alemão, destinadas suas tiragens aos leitores da Europa Central, preferentemente. Theodor de Bry era o nome dêsse ex-ourives flamengo, transformado em calcógrafo e produtor de livros.

Tornando-se patrimônio de família a iniciativa compensadora, herdaram-na os seus dois filhos, Johann Theodor e Johann Israel, após sua morte, em 1598, prosseguindo na faina impressora.

Progredindo sempre, a emprêsã editôra instalada na cidade de Francforte-sôbre-o-Meno, acabou por passar a terceiro, agregado à família De Bry por laços de parentesco próximo, ou seja, mediante o casamento de uma neta do iniciador das *Narrationes Peregrinationum* com outro célebre gravador em cobre, suço de nascimento, o não menos famoso Matthäus Merian. Compreendendo êste a vantagem de reunir num só tomo as publicações já feitas, para facilidade dos leitores, veio a delinear e executar uma obra que pode ser considerada a primeira História da América em conjunto. Socorrendo-

se dum escritor e compilador à altura do empreendimento, lançou Merian no ano de 1631 a primeira edição da *Historia Antipodum oder New Welt*, organizada e redigida por Johann Ludwig Gottfried, ilustrando-a com belíssimas gravuras em cobre, buriladas por êle próprio e pelo seu falecido sogro, Johann Theodor de Bry. Mais tarde, fizeram os herdeiros de Merian outras duas edições dessa obra, respectivamente em 1655 e 1657, conforme apurou o bibliófilo Rubens Borba de Moraes (1).

Sinopse dos assuntos tratados na "História Antipodum"
Os aborígenes.

Habitavam os vastos espaços do continente americano populações autóctones em vários estádios de civilização, quando os europeus a êle aportaram: desde os selvagens da região oriental da América do Sul (Brasil) em fase atrasadíssima de desenvolvimento (nômades, vivendo exclusivamente da caça e da pesca e do aproveitamento de poucos cereais nativos, entre os quais predominavam a mandioca e o milho; travando contínuas guerras entre si e exterminando-se mutuamente) até as civilizações bastante adiantadas que povoavam a maior porção da cordilheira andina (incas) e os altiplanos do México (aztecas), e cujo seio as artes e a utilização dos metais nobres (ouro e prata) já haviam atingido grau bem elevado, propiciando a formação de núcleos de cultura superior. Entre êsses extremos, situavam-se selvícolas que, num meio terno de cultivo dos campos e do trato dos metais (ouro, prata, cobre), também se dedicavam à lavoura de plantas utilizáveis pelo homem, além dos cereais, (fumo, cacau, anil, etc.), à manufatura de tecidos e à pecuária (criação de lhamas).

Vivendo inteiramente nus os mais atrasados, de acôrdo com o clima em que vegetavam, socorriam-se os demais de vestimentas as mais diversas, oscilando desde a pele de animais até os panos fabricados com fibras têxteis de vária espécie. Sem exceção, entregavam-se todos aos prazeres das danças e do álcool, no que se excediam, embriagando-se com freqüência mediante a aguardente obtida por processos os mais rudimentares da fermentação da mandioca (cauim) e do milho.

Os conquistadores ibéricos.

Feito o primeiro contacto com as Antilhas, pelo navegador genovês (Colombo), determinou o govêrno espanhol o estabelecimento

(1). — "Bibliografia Brasileira"; Editora Colibris, Vol. I, pág. 312, 1958.

de bases fixas, donde irradiariam as expedições devassadoras das vastidões do Nôvo Mundo. Na ilha de Cuba (Juana) e no istmo de Darien (Panamá) foram lançados os fundamentos das administrações que deveriam prover os meios de exploração, em busca sobretudo de metais preciosos.

Após um período nebuloso, no qual se aquinhoaram com podêres muito largos os companheiros de Colombo (Ojeda, etc.), guarda a história os nomes de Diego Velasquez e Vasco Nuñez de Balboa, como primeiros administradores de boa estrêla. Aquêlê, aliçerçado na ilha de Cuba, envia expedições em direção à terra firme da América Central, das quais resultou a conquista do México por Hermán Cortés, a partir de 1519. Estoutro, lançando os fundamentos da colônia de Santa Maria em 1510, na Nova Granada (Colômbia atual), atravessou o istmo de Darien e veio a descobrir, em 1513, o Mar del Sur, mais tarde apelidado, por Fernão de Magalhães, de Oceano Pacífico, tal a mansidão de suas águas ao serem sulcadas, pela primeira vez, pelo intrépido navegador português, a serviço de Castela.

Balboa, por seu turno, muito embora se mostrasse bastante compreensivo para com os selvícolas, havendo até se casado com uma índia, entrou em conflito com seu sucessor, Pedrarias, que, sob o falso pretexto de conspiração, mandou executá-lo em 1517.

Francisco Pizarro e Diego Almagro, dois elementos filiados à administração de Balboa, enveredaram na direção do Peru, vindo a conquistar, após peripécias arriscadíssimas, o famoso Império dos incas. O último soberano desta grei, Atualpa, acabou nas mãos de Pizarro, sendo trucidado sem piedade. Prosseguindo na marcha para o sul, em busca de ouro, atingiu Almagro e devassou parte do território do Chile atual, mais tarde completada a conquista dêste país, por Pedro de Valdivia. Desavindo-se com Pizarro, pela posse de Cusco, capital do reino incaico, foi Almagro vencido em Las Salinas, aprisionado e morto por ordem de seu antigo sócio, em 1538, sendo vingada sua morte pelos seus partidários comandados por seu filho Diego, que assassinou Pizarro na própria residência em Lima, no ano de 1541. Posteriormente, Almagro Filho foi igualmente trucidado após ter sido derrotado na batalha travada em Monte Chupas.

E' dessa quadra o descobrimento da famosa montanha argêntea, El Potosi, na cordilheira dos Andes (atual território da Bolívia), na qual se estabeleceu, a partir de 1545, a mais intensa mineração de prata de todos os tempos, alcançando fantástico desenvolvimento o burgo instalado *in loco* em 1547, que se veio a tornar a mais populosa cidade do mundo ocidental no meado do século dezessete (160.000 habitantes em 1650), atraindo aventureiros de todos os recantos da terra.

A extensíssima região oriental da América do Sul, em sua maior porção ocupada pelo Brasil atual (desde a foz do Oiapoque, ao norte, até a embocadura do arrôio Chuí, ao sul), *achado* por Pedro Álvares Cabral, em 1500, de passagem para a Índia, teve sua colonização iniciada, com a fundação da vila de São Vicente (atual Estado de São Paulo), no ano de 1532, por Martin Afonso de Sousa.

Juan Diaz de Solis, outro português a serviço de Castela, com a missão de explorar a costa de "Castilla de Oro", uma das subdivisões administrativas da região de Darien (Panamá), veio dar com os costados, em 1515, no imenso estuário da confluência dos rios Paraná e Uruguai, terminando devorado pelos índios charruas. Fernão de Magalhães, partindo empós dêle, com o intuito de encontrar passagem para as Molucas, pelo sul da América, foi mais bem sucedido, acabando por descobrir o estreito que lhe tomou o nome e passando através dêle do Altântico para o Pacífico, em 1520, a inaugurar a rota ocidental para as longínquas paragens da Oceania.

A fim de explorar o estuário descoberto por Solis, foi comissionado, em 1525, Sebastião Caboto, veneziano a serviço dos espanhóis, o qual, penetrando na região até boa altura, trouxe de volta amostras de prata, recolhidas de indígenas da zona, o que motivou o equívoco de batizar-se aquela embocadura de *Rio da Prata*. Lutas sangrentas e inglórias travaram os que lhe sucederam na emprêsa de devassar êsse estuário, guardando-se a memória de Pedro de Mendoza, fundador de Buenos Aires, pela primeira vez, em 1536, no sítio atual, cujo esfôrço anularam os aborígenes, ateando fogo e destruindo o povoado, cinco anos mais tarde. Somente quase cinqüenta anos depois (1580), conseguiu Juan de Garay estabelecer os fundamentos definitivos da grande metrópole portenha de hoje.

A conquista da América do Norte.

Etapas diversas atravessou o estabelecimento dos europeus no sub-continente setentrional, excetuada a região do México.

Aos espanhóis primitivamente instalados na Flórida (Fernando de Soto, etc.) trataram de arrancar o mando os franceses (Laudonnière, Ribaut, etc.), obedientes a piano traçado pelo Almirante Coligny, na sétima década quinhentista. Mal sucedidos por fim, tentaram firmar-se mais ao norte, o que chegaram a conseguir no Canadá atual, fundando cidades que atravessariam os séculos, tornando-se prósperas e ricas ao extremo (Quebec e Montréal). Por último, os ingleses, colhendo melhores frutos que os seus predecessores, vieram a instalar várias colônias, constituídas quase tôdas por emigrantes tangidos da mãe-pátria por questões políticas e religiosas. Localizações de início na Virgínia (1607), gradativamente se estenderam e

aumentaram de número até constituirem as treze colônias que se transformaram nos Estados Unidos da atualidade.

Os corsários e circunavegadores.

Inglêses e holandeses, desde a segunda metade do século XVI, procuraram imitar os ibéricos na conquista do Nôvo Mundo. Não podendo fixar-se inicialmente nas possessões já ocupadas por êsses outros, entregaram-se ao rendoso assalto das frotas que conduziam mercadorias de alto preço para os empórios europeus. Dos piratas que assim procederam, distinguiram-se a princípio os nomes de Francis Drake e Thomas Cavendish (inglêses), que, além das tropelias nas costas americanas, chegaram até as remotas paragens da Oceania (Molucas, etc.), grangeando lucros espetaculares. Posteriormente, os holandeses Oliver van Noord, Joris Spilbergen e Willen van Schouten, repetindo-lhes as façanhas, conseguiram como êles dar a volta ao globo terrestre. O último em ordem cronológica (W. van Schouten) circundou o extremo sul da América, descobrindo o Cabo Horn (assim denominado em homenagem à terra natal do aventureiro), de famosa tradição, sucesso êsse ocorrido quase um século depois (1615-1616) do grande feito de Fernão de Magalhães em abrir passagem do Atlântico para o Pacífico.